

Processos de mudanças linguísticas: um estudo sobre o item “pois não”

Doutoranda Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo¹ (UFG)

Resumo:

O objetivo desse trabalho consiste em investigar, por meio de um estudo pancrônico, como ocorre o processo de construcionalidade e de gramaticalização de “pois não”, nas diferentes nuances de uso da língua falada em Goiás. Para isso, visa pesquisar em diferentes sincronias os possíveis valores semânticos de “pois não” e alocá-los em um *cline* de gramaticalidade; verificar seu *status* construcional; analisar a frequência de sentidos de acordo com os contextos de uso; e verificar as hipóteses de origem dessa forma. A pesquisa parte da hipótese de que “pois não” se constitui uma construção e tal *status*, provavelmente, é decorrente do processo de gramaticalização de um uso mais básico, previsível como em “Pois não haveria de realizar seu pedido?”, por exemplo. Além disso, é suposta uma relação com o mecanismo de intersubjetificação (TRAUGOTT e DASHER, 2005). Observações iniciais apontam que o uso “pois não” pode assumir a configuração categorial de advérbio afirmativo (sim ou claro) ou interrogativo (equivalente ao sentido de “Em que posso ajudar?”). Os dados da pesquisa integram o *corpus* do Projeto *Fala Goiana*. Para verificar o que, de fato, ocorre nesse fenômeno linguístico, a pesquisa recorre às teorias clássicas da Gramaticalização, aos postulados teóricos da Gramática Funcional de Dik (1989; 1997) e Halliday (1985); à Teoria das Construções (GOLDBERG, 2006); e a estudos cognitivistas (TOMASELLO, 2010; LANGACKER, 2013). A relevância desse trabalho está no fato de que visa contribuir com os estudos linguísticos descritivos e constituir instrumento de documentação das análises e mudanças do português brasileiro, com ênfase no dialeto goiano. Além disso, auxilia a repensar e ampliar o ensino da classificação tradicional que, em vários aspectos, deixa pontos obscuros no tratamento dado às ocorrências de usos reais da língua.

Palavras-chave: funcionalismo, gramaticalização, construção, pois não.

1 Introdução

Essa pesquisa encontra-se em andamento, mais precisamente, em sua fase inicial. Assim sendo, são apresentadas discussões preliminares elaboradas no processo de construção da tese.

É comum ouvirmos a construção *pois não* sendo empregada por falantes, especialmente em contextos de atendimento ao público. Em uma breve análise, é possível distinguir, pelo menos duas possibilidades semânticas no uso da construção *pois não*, no português do Brasil:

a) Sob a forma afirmativa, equivalente ao sentido de “sim” e/ou “claro”:

(1) Bonifácio — V. Exa. me concede um aparte?

Henfil — **Pois não...**

Bonifácio — Radicalize! (CANDIDO, 2009, p. 109).

Nesse caso, a construção *pois não* vai indicar uma maneira cortês de responder afirmativamente. Expressa o consentimento ou disponibilidade de fazer algo, ou tomar alguma atitude. No exemplo (1), um dos interlocutores pede para que Henfil lhe confira um comentário, uma observação e Henfil responde *pois não*, garantindo que o pedido foi aceito.

b) Sob a forma interrogativa, equivalente ao sentido de “Em que posso ajudar?”

- (2) Entrei numa loja de roupas e logo a vendedora disse:
— **Pois não?**

De outro modo, a expressão *pois não*, do exemplo (2), denota prontidão e disposição em ajudar. Em ambos os casos citados, a construção *pois não* possui uso discursivo interativo, atuando como orientador da interação da sentença.

Diante dessas ocorrências, pode-se conjecturar algumas hipóteses para o surgimento do uso de *pois não*, uma construção aparentemente negativa, mas que possui valor positivo e afirmativo. Abreu (2010, p. 47) apresenta a hipótese de que, possivelmente, essa construção seja “[...] resultado da redução de uma expressão mais longa, que significava afirmação por uma espécie de metáfora de polidez, e da desabilitação do sentido original de negação do *não*”. Segundo o autor, era comum, antigamente, sobretudo em Portugal, acrescentar a palavra *pois* antes do *não*, em respostas afirmativas, conforme o exemplo citado:

- (3) — Você me faz esse favor?
— **Pois não** haverei de fazer?

Esse *pois não*, da “resposta-pergunta”, é um modo de condenar a ação de não fazer o favor. Logo, seria possível afirmar que a construção *pois não*, no Brasil, é consequência do encurtamento da expressão “pois não haveria de + infinitivo”, herdada da fala portuguesa.

Lima-Hernandes (2010, p. 95-96) elucida que deslizamentos funcionais dessa natureza podem ser explicados a partir do processamento mental

Quando se elide uma informação muito recorrente do sequenciamento sintático é porque ela já teve um percurso histórico de uso tão frequente que já integra a lista das experiências a serem pressupostas e inferidas nos contextos de uso. Apaga-se da sintaxe porque já está suficientemente gravada na memória do indivíduo, já é possível incluí-la como informação típica da bagagem pragmática do interlocutor também.

Outra hipótese possível para o surgimento da construção *pois não* é apresentada por Alves (2008). Segundo o autor, a expressão *pois não* teria sofrido uma redução fonológica:

- (4) — Você pode me ajudar?
— Depois não.

Nesse caso, a resposta implicaria o mesmo que dizer “sim, eu posso”, ou “só se for agora”. Com o tempo, desapareceu o *de* da palavra *depois* e ficou apenas o *pois não*. Tal hipótese pode ser sustentada pelo fato de que

[a] etimologia do item *pois*, conforme afirmam os gramáticos históricos, remete à forma latina *post*, que, segundo Torrinha (1945), além de atuar como advérbio com o sentido de *depois, em seguida, atrás, por trás, de trás*, também apresentava um uso preposicional correspondente a *depois de, a partir de, atrás de, por trás de*. A origem latina também é apresentada nos dicionários atuais de língua portuguesa, como em Houaiss (2001), assim como a acepção espaço-temporal que possuía: *atrás, após, em seguida*. (CANDIDO, 2009, p. 18).

Independentemente de as justificativas estarem corretas ou não, o fato é que a construção *pois não* ocorre com sentidos bem precisos, isto é, não há dúvidas de que um *pois não*, no português falado no Brasil, sempre é uma resposta (ou pergunta) positiva. Além disso, o contexto em que tal construção ocorre é essencial, uma vez que as possibilidades de dar sentidos à comunicação são infinitas.

Essas são apenas suposições e hipóteses, seria necessário um estudo mais sistematizado acerca desse uso para, então, assegurarmos a verdadeira forma fonte da construção *pois não*.

2 Justificativa e Fundamentação Teórica

Esse projeto parte da hipótese de que a construção *pois não* tem sofrido algumas transformações linguísticas no decorrer do tempo, mais especificamente, sugere-se a ocorrência de um processo de gramaticalização.

Heine e Kuteva (2007) especificam um grupo de fenômenos que caracteriza as expressões que se submetem a gramaticalização: extensão (o surgimento de um novo significado gramatical quando expressões linguísticas são estendidas a um novo contexto); dessemantização (a perda de parte do significado original da expressão que é incompatível com o novo contexto), descategorização (a perda de características morfossintáticas de uma forma original); e erosão (redução fonética, coalescência). Esses parâmetros de gramaticalização dão subsídio para a afirmação de que a construção *pois não* esteja se gramaticalizando, uma vez que tal construção atende a todos os parâmetros especificados.

A pesquisa que ora pretende-se desenvolver fundamenta-se nos postulados teóricos da Gramática Funcional de Dik (1989; 1997) e Halliday (1985) e no modelo teórico da Gramaticalização, entendida, *a priori*, conforme Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão (2007, p. 17) como “[...] as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial”.

Somada a essa concepção, considera-se a declaração de Bybee (2003, p. 602) de que a gramaticalização não se resume ao “[...] processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular”. Ou seja, deve-se falar em gramaticalização de uma construção, como um todo de sentido e forma. Construções estas, que podem consistir em uma estrutura maior do que um item e menor do que uma oração, geralmente não-segmentável, tal como no caso de *pois não*. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que

[...] as estruturas sintáticas das línguas não podem ser descritas apenas por critérios morfossintáticos ou pelas propriedades semânticas dos elementos que as compõem, o significado da construção não equivale à soma dos significados das unidades que apresenta. (MARTELOTTA, 2010, p. 57).

A escolha pela construção *pois não* ocorreu devido ao interesse, como pesquisadora da língua portuguesa, em estudar o caráter dinâmico da língua e a fluidez do sistema, em que uma única forma propicia variadas funções. Além disso, ao verificar na literatura, até então existente, sobre estudos de casos de gramaticalização na língua portuguesa, percebe-se que não há pesquisas registradas acerca desse fenômeno linguístico, de onde surge a motivação por pesquisar e discuti-lo.

Além do mais, há extrema relevância no fato deste projeto de pesquisa integrar o Projeto *O português contemporâneo falado em Goiás (Projeto Fala Goiana)*, constituído por um conjunto articulado de subprojetos envolvendo a descrição e a análise de dados de fala da variante do português brasileiro falado em Goiás. Nesse sentido, o objetivo geral deste subprojeto é auxiliar na composição de um conjunto significativo de informações com vista a caracterizar a variante do português falado em Goiânia a partir de uma descrição e análise de cunho funcionalista, especialmente, quanto à constituição do paradigma descrito pelos usos que compõem o padrão funcional de “pois não” na fala de goianos adultos.

O Projeto *Fala Goiana* já está na sua segunda fase, avançando nos estudos dos fenômenos secundários da organização oracional, entre os quais, aqueles relativos à expressão da intersubjetividade, como “pois não”, [diski], o processo de gramaticalização em construções do tipo expressões cristalizadas com pronomes reflexivos, entre outras pesquisas que integram tal Projeto.

Diante do que foi exposto, a proposta deste projeto de pesquisa é descrever e analisar a existência de um processo de gramaticalização na construção do tipo “pois não”, considerando as correlações discursivas de intersubjetividade relevantes nesse processo, a fim de se descrever a funcionalidade do uso dessa construção no português falado em Goiás. Desse modo, o projeto pretende colaborar para o entendimento das mudanças no português, verificando a produtividade dessas mudanças para os aspectos da organização linguística e da funcionalidade discursiva.

3 Metodologia

O processo de Gramaticalização pode ser analisado a partir das perspectivas: a) diacrônica, que investiga a origem das formas gramaticais, descrevendo os caminhos que essa forma percorre durante o processo de mudança; b) sincrônica, na qual é possível investigar os usos linguísticos do ponto de vista dos padrões fluidos da linguagem, dentro de um determinado recorte de tempo; e c) pancrônica, que é a combinação das duas perspectivas anteriores.

Na primeira fase da pesquisa, a proposta é fazer um estudo diacrônico sistematizado a partir da análise do “*Corpus* Diacrônico do Português”, organizado por Tarallo (1993), que tem registros de língua portuguesa desde o século XIII ao século XX, a fim de resgatar a trajetória linguística que possibilitou a associação da conjunção “pois” ao advérbio “não”, para verificar quando e como o item “pois não” foi usado ao longo do processo de formação do português brasileiro. De posse das informações sobre a origem e dessa provável construção “pois não”, na segunda fase da pesquisa, será desenvolvido um estudo sobre os usos contemporâneos do referido elemento linguístico, com foco nas diferentes possibilidades semânticas assumidas pelo item em diversos contextos de interação comunicativa na fala goiana. Os resultados dessa análise permitem um mapeamento do provável processo de gramaticalização e construcionalização de “pois não”.

Para atingir os objetivos já descritos, percebe-se também a necessidade da realização de um estudo etimológico desse item. Desse modo, será de bastante pertinência a consulta em gramáticas históricas (ALI, 1965; CÂMARA JR., 1975; COUTINHO, 1976), bem como em dicionários etimológicos.

Além disso, uma revisão de literatura será realizada no intuito de conhecer os estudos relacionados à gramaticalização de conjunções, especialmente, sobre a conjunção “pois”. Para isso, Vogt (1978); Silva (2005); Candido (2009); Barreto (1999), dentre outros auxiliarão nessa tarefa.

Comumente, o uso “pois não” é empregado em contextos de atendimento ao público. Sendo assim, partindo do pressuposto de que esse fenômeno discursivo interativo possui uso linguístico mais recente e talvez seja mais frequente nos textos com menor grau de formalidade, acredita-se que a coleta de dados de fala seja mais produtiva se realizada em contextos mais informais. Portanto, ocorrências do “pois não” em dados de língua falada coletados do *corpus* do Projeto “O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana” (CASSEB-GALVÃO, 2010), e/ou outros que se fizer necessário – serão analisadas a fim de constatar os possíveis e distintos significados assumidos na língua pelo referido objeto de estudo.

O perfil social dos sujeitos de pesquisa (informantes) desse *corpus* é constituído por homens e mulheres (mínimo dez de cada sexo), com escolaridade variando entre zero e quatro anos, divididos em três faixas etárias: menos de trinta anos; de trinta a cinquenta e cinco anos e acima de cinquenta e cinco anos. A comunidade de fala é formada pelas cidades de Goiânia, Cidade de Goiás (Goiás Velho) e Porangatu, respectivamente, a capital atual, a primeira capital do estado (distante 130 km de Goiânia) e uma cidade de formação mais recente, ao norte do estado. Para cada uma dessas comunidades é composta uma amostra de dados e elas têm simetria quanto ao perfil dos sujeitos de pesquisa. Para o estudo dos usos de “pois não”, aqui proposto, serão considerados os dados da cidade de Goiânia.

Pretende-se selecionar os dados e analisar quantitativa e qualitativamente o fenômeno “pois não”, levando em conta critérios sintáticos e semânticos e os pressupostos da gramaticalização. A respeito dos pressupostos da gramaticalização, recorre-se às hipóteses de Heine et al (1991) e aos critérios de Hopper (1991), com o objetivo de verificar o grau de gramaticalidade das construções encontradas nos *corpora*.

Por fim, a tese será sistematizada de modo que as hipóteses descritas neste projeto serão confirmadas ou refutadas.

Considerações Finais

Espera-se descrever o uso de “pois não” na língua falada do dialeto goiano, no intuito de entender a funcionalidade dessa provável construção e observar as circunstâncias discursivas de seu emprego, verificando os indícios de gramaticalização.

Estudar a fala goiana tem o propósito de demonstrar uma variante altamente representativa do português brasileiro, pois se estabeleceu num momento de povoamento, mediante a entrada das bandeiras no sertão do país em busca de ouro. Os estudos realizados no Projeto Fala Goiana têm se constituído um corpo de conhecimentos relevantes que define, a partir do dialeto goiano, uma gramática do português brasileiro. O reconhecimento dessa relevância fortalece a identidade e dá visibilidade política a tal dialeto como representativo do país.

Ressalta-se que o Projeto *Fala Goiana* já está na sua segunda fase, avançando em estudos dos fenômenos secundários da organização oracional, entre os quais, aqueles relativos à expressão da intersubjetividade, como “pois não”, [diski], o processo de gramaticalização em construções do tipo expressões cristalizadas com pronomes reflexivos, entre outras pesquisas que integram o Projeto. Assim, como forma de repassar à sociedade o conhecimento gerado nas pesquisas, é pretensão do Projeto *Fala Goiana*, ao qual este subprojeto se vincula, elaborar uma gramática de referência da fala goiana a partir de tais estudos.

Acredita-se que a pesquisa, aqui proposta, seja relevante para contribuir com os estudos linguísticos descritivos, já que visa estudar um fenômeno ainda não pesquisado e descrito; além de repensar e ampliar a classificação tradicional que, em vários aspectos, deixa pontos obscuros no tratamento dado às ocorrências de usos reais da língua. Nesse sentido, este trabalho certamente integrará as discussões sobre as transformações pelas quais passam o português brasileiro e assim

será instrumento de documentação das análises e mudanças da língua portuguesa, com ênfase no dialeto goiano.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. Você me faz um favor? Pois não! *Carta Capital na Escola*, São Paulo, SP, p. 47 - 47, 01 nov. 2010.

ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa* 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

ALVES, Adilson. Não significa sim, sim significa não. Ou não? *Gazeta do povo*, Curitiba, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=801477&tit=Nao-significa-sim-sim-significa-nao-Ou-nao>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *A handbook of historical linguistics*. Malden: Blackwell, 2003. p. 602-623.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CANDIDO, Fernanda Maria. *Os diferentes padrões das construções com “pois”*. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2009.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana*. Projeto de Pesquisa. Goiânia: UFG, 2010. Disponível em: <<http://gef-ufg.webnode.com/products/fala-goiana1/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DIK, Simon Cornelis. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland/ Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GOLDBERG, Adele. *Construction at work: the nature of generalization in Language*. Oxford: Oxford Press, 2006.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Michael. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, Bernd et. al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 17-35.
- LANGACKER, Ronald W. *Essentials of Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: _____. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 87-104.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 51-64.
- SILVA, Leosmar Aparecido da. *Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2005.
- TARALLO, Fernando. (Org.). *Corpus diacrônico do português*. [s.l.], 1993. (impresso).
- TOMASELLO, Michael. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 3. ed. Porto: Edições Marânus, 1945.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs, DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VOGT, Carlos. Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções porque, pois e já que. *Cadernos de estudos linguísticos*. n. 1, p. 35-50, Campinas, 1978.

i **Célia Márcia Gonçalves Nunes LÔBO, Doutoranda**
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
E-mail: celiamarciagn@hotmail.com